

AJ0201

Des. Social - ES

Motivo. Escolaridade maior, alcançada por elas, é o que permitiu avanços no mercado de trabalho

Uma mulher em cada 4 ganha mais que o marido no Estado

Nesses casos, homens também se identificam como chefes de família, segundo pesquisa do IBGE

DANIELLA ZANOTTI
dzanotti@redgazeta.com.br

■ As estatísticas apontam, há anos, que as mulheres têm remuneração menor do que os homens no mercado de trabalho, mas, aos poucos, essa desigualdade está diminuindo. Dados da Síntese de Indicadores Sociais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que, das famílias do Estado em que o casal trabalha e o homem é a referência da casa, em 27,1% dos casos a mulher recebe um salário maior que o do parceiro. Isso significa que, em cada quatro domicílios, a mulher está à frente quando o assunto é salário.

O Espírito Santo é o Estado com maior percentual desses casos na Região Sudeste, que obteve a média de 24,5%. Para a socióloga e professora da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) Antônia Colbari,

o resultado está ligado diretamente ao fato de as mulheres possuírem mais escolaridade do que os homens.

E a pesquisa do IBGE confirma isso. A média de anos de estudo das mulheres com 16 anos ou mais foi de 8,6 anos no Estado, contra 7,8 anos dos homens. "O processo de qualificação profissional está associado à elevação da escolaridade, que dá acesso aos bons empregos. As mulheres estão se dedicando mais e vencendo as barreiras no mercado de trabalho", explica a socióloga.

JORNADA TRIPLA

Além de conquistar um espaço cada vez maior no mercado de trabalho, as mulheres também tomam conta da casa e dos filhos. Dados do IBGE apontam que as capixabas que trabalham também acumulam uma média de 21,3 horas por semana com afazeres domésticos.

Em contrapartida, os homens que têm essa jornada tripla - casa, filhos e trabalho - gastam bem menos tempo do elas com afazeres domésticos: apenas com 8,7 horas.

CARLOS ALBERTO SILVA



NOVA ROTINA. A cabeleireira Meirelanie Garcia passou a viver sozinha depois dos 40 anos, quando as filhas se casaram

Quem ganha mais pode sofrer mais com traição

■ A mulher que ganha mais que o marido corre mais riscos de ser traída. Essa é a conclusão de um estudo divulgado nos Estados Unidos no mês passado. A hipótese dos pesquisadores é que os homens tentam restabelecer a identidade de gênero, por se sentirem ameaçados. De acordo com o levantamento, que analisou pessoas de 18 a 28 anos casadas ou que mo-

ram com seus companheiros, os homens que são completamente dependentes financeiramente das parceiras são cinco vezes mais suscetíveis a traír do que aqueles que ganham o mesmo que elas. A ligação entre dependência econômica e infidelidade desapareceu quando foram levados em conta fatores como idade, nível educacional, religião e satisfação com o relacionamento. Christin Munsch, a autora do estudo, diz que "ao menos um desses fatores sempre influencia a relação".

NÃO DEVE HAVER BRIGA DE PODER

Análise

KIRLLA DORNELAS

Mestre em Psicologia e estudiosa em relacionamentos interpessoais

■ O fato de a mulher ganhar mais do que o parceiro pode se tornar algo ruim quando o casal transforma isso em uma briga de poder. O dinheiro deve ser encarado como um benefício para toda a família. É preciso entender primeiro qual o significado desse dinheiro para essa família. O ideal é uma conversa franca sobre o assunto, perguntar ao companheiro como ele se sente, se está se sentindo diminuído, como fica seu orgulho. Isso porque o dinheiro está associa-

do ao poder, o que na nossa sociedade remete ao homem. Mas o papel da mulher e do homem hoje não é tão estanque, fechado. O fato de a mulher (parceira, esposa) ganhar mais, é natural, uma vez que ela está estudando mais e se profissionalizando com o objetivo de crescer na carreira. Hoje é mais aceitável a mulher trabalhar para complementar a renda, porque é comum ela fazer tudo ao mesmo tempo: ser mãe, profissional e ainda cuidar do marido, mas o choque ainda é cultural. As pessoas geralmente pensam: "Se a mulher ganha mais, então quem está cuidando da casa?" ou "Que homem é esse que não é macho o suficiente para manter a casa e sustentar a sua família?".

Mais pessoas moram sozinhas

O percentual de casas com um único morador passou de 7,9% em 1999 para 11,1% no ano passado

■ O número de pessoas morando sozinhas está subindo no Estado. O percentual de domicílios com um único morador passou de 7,9% em 1999 para 11,1% no ano passado. Quando a comparação é feita por idade, o estudo aponta que quase 40% das pessoas que passaram a vi-

ver sozinhas ao longo da década têm entre 40 e 59 anos.

A cabeleireira Meirelanie Garcia Barcelos, 46, faz parte desse contingente. Há cinco anos, as duas filhas saíram de casa depois de se casarem. "Foi muito difícil no começo, porque sempre fui muito apegada a minhas filhas, mas hoje não sei mais dividir a casa com ninguém. Quando uma visita fica por mais tempo, eu já me sinto incomodada", conta.

Viúva desde 1993, quando o marido faleceu em um acidente

de carro, Meirelanie se tornou a chefe da família e precisou trabalhar em dobro para dar conta da casa. Hoje, dona de um salão e com a vida estável, ela não pensa em dividir o mesmo teto com alguém. "Não estou procurando. Seria muito difícil me habituar de novo a ter alguém morando comigo", pondera.

Outra mudança nos arranjos familiares chama a atenção na pesquisa realizada pelo IBGE. Houve uma drástica diminuição de pessoas morando sozinhas na faixa etária de 20 a 29 anos. Em

1999, o percentual era de 15,6%, mas, dez anos depois, subiu para 15,6% o número de jovens nessa idade que ainda não vivem sozinhos. A média nacional é de 11,1%. Isso pode indicar que eles ainda preferem morar mais tempo com os pais antes de sair de casa ou que já estão casados.

Houve também uma diminuição na faixa etária de pessoas com 60 anos ou mais vivendo sozinhas. Há dez anos, essa fatia da população correspondia a 45,9%. Hoje, o percentual caiu para 35,9%.

Confira os dados da pesquisa

Veja os percentuais relacionados a estudo, família, raça e gênero, salário e ocupação

Estudo

■ A taxa de analfabetismo no Estado caiu de 11% em 1999 para 8,5% no ano passado

■ 54,4% dos adolescentes entre 15 e 17 anos frequentam o ensino médio

■ A defasagem diminuiu no ensino fundamental, já que 88,3% das crianças entre os 6 e os 14 anos estudam

■ A média de estudo da população com mais de 15 anos é de 7,5 anos

■ Entre quem tem mais de 25 anos, a média é de 7,2, menor do que a do ensino fundamental

Família

■ 17,7% são casados, mas não têm filhos

■ 13,8% são mulheres com filhos que moram apenas com eles

■ 57% das famílias têm rendimento de até um salário mínimo, o maior índice da Região Sudeste

■ 11,1% das pessoas moram sozinhas, sendo 49,4% homens e 50,6% mulheres

■ Desses, 9,5% não têm renda própria

■ Dos que possuem filhos, 49,6% têm menos de 16 anos

Raça e gênero

■ O índice de pessoas brancas com idade entre 18 e 24 anos que ainda estuda é maior do que o dos demais: 28,7% dos brancos estudam contra 17,4% dos pretos ou pardos

■ O índice é quase o mesmo entre pessoas com 15 a 17 anos: 85,5% para brancos, 24,3% para pardos

■ Homens ainda têm mais escolaridade que mulheres. Entre 18 e 24 anos, 22,4% deles estudam contra 21,9% delas

■ 96,9% dos brancos, entre 6 e 14 anos, estão na escola. Entre os pardos, o índice é de 98%

Salário e Ocupação

■ 22,5% dos jovens de 16 a 24 anos que trabalham informalmente recebem menos do que meio salário

■ 10% das famílias com crianças e adolescentes têm rendimento mensal per capita de até meio salário

■ 26,7% dessas famílias têm renda ainda menor, entre um quarto e metade do salário

■ Em 64,2% das famílias com dois cônjuges, ambos estavam ocupados

■ 39% das famílias com crianças têm dificuldade de fazer o salário durar até o fim do mês

Estado é o segundo onde mais se casa no país

Quase 10 casamentos foram realizados em cada mil habitantes; em Vitória, igrejas têm agenda lotada

■ O Espírito Santo continua sendo o Estado com a segunda maior taxa de casamentos no país, segundo dados da pesquisa de 2008. No período, o Estado teve 9,6 matrimônios por mil habitantes, ficando atrás somente do Acre, que no mesmo ano re-

gistou 12 casamentos na mesma amostragem populacional.

No Brasil, o índice no período foi o maior desde 1999, chegando a 6,7 por mil, entre pessoas com mais de 15 anos. Segundo o IBGE, o aumento no número de casamentos pode ser atribuído à melhoria no acesso aos serviços de Justiça, em especial ao registro civil de casamento. Com relação à idade das pessoas solteiras que se casaram no Estado em 2008, a média entre os homens foi de 28 anos e das mulheres, 25.

Os dados do IBGE mostram o que quem procura uma igreja para se casar na Capital talvez já sabia: em várias secretarias paroquiais, os casais devem chegar com pelo menos um ano de antecedência para agendar a cerimônia. Na Paróquia Santa Rita de Cássia, na Praia do Canto, por exemplo, quem deseja se casar no sábado à noite não poderá fazê-lo em 2011, pois não há mais espaço na agenda. *(Daniella Zanotti com informações de Carla Einsfeld)*

Frequência escolar de jovens ainda é baixa

Dado refere-se a jovens que têm entre 18 e 24 anos; mais da metade deles só trabalha em vez de cursar faculdade

■ A frequência escolar de jovens entre 18 e 24 anos ainda é baixa, segundo a avaliação do IBGE, tanto no país quanto no Espírito Santo. Na idade em que deveriam estar na faculdade, 54,7% dos jovens no Estado afirmam que só trabalham.

Esse é o segundo maior percentual do Brasil, atrás apenas de Santa Catarina, com 57,9%, e a média do país é 46,7%. Para a diretora de comunicação da empresa de recrutamento Psico Espaço, Carine Cardoso, esse dado é surpreendente e preocupante. “Principalmente se levarmos em conta que o Estado é o que mais cresce economicamente. A população precisa estar capacitada para ocupar as novas vagas que vão surgindo”, ressalta. Para ela, uma outra análise

pode indicar também que os jovens estão procurando experiência antes da profissionalização, na tentativa de garantir emprego. “Mas, nessa idade, não se exige experiência, e sim atualização constante. Nessa faixa etária, é primordial estudar, mesmo que tenha que ser paralelo com uma atividade profissional para ajudar a família”, frisa *(Elaine Vieira)*

Mais informações sobre dados do IBGE na página 15